

Racismo no futebol

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Vi o último jogo entre o São Paulo Futebol Clube e o Quilmes, da Argentina, no Morumbi, na capital paulista.

Vi tudo, repito, inclusive – e sobretudo – o incidente envolvendo o atacante Grafite, do campeão paulista, que na pia batismal recebeu o nome de Edinaldo Batista Libânio, e o zagueiro Leandro Desábato, da equipe visitante.

Lembro-me muito bem que, quando o Delegado de plantão no estádio, terminada a partida, prendia o defensor do time portenho, sob o pretexto de que o conterrâneo de Diego Maradona chamara o craque tricolor de negro, aflorou-me à memória, como uma lição de vida, matéria jornalística que li, faz bastante tempo, com o grande craque dos anos 30 e 40, do século XX, o brasileiro Leônidas da Silva, chamado carinhosamente pela crônica esportiva e pelos torcedores como “O Diamante Negro”, numa referência afetiva e sentimental à cor de sua pele.

É que, na Copa do Mundo realizada na França, em 1938, onde a Itália se tornaria o time bicampeão do mundo, um jogador brasileiro, da cor de Leônidas, queixou-se ao “Diamante Negro”, que na partida anterior, um lateral europeu, dos “olhos da cor do mar”, o chamara de “negro filho de uma macaca”.

Austero, solene, superior como um lorde do futebol, Leônidas doutrinou, consolando, assim, o seu companheiro de profissão e de seleção: “A mãe que você leva para o campo não tem nada que ver com a mãe que você tem em casa”.

Na definição feita, o criador do gol de bicicleta, verdadeira acrobacia com a bola no ar, queria mostrar ser inevitável, no calor da disputa, ânimos exacerbados, torcida com os nervos à flor da pele, viver-se um duelo futebolístico, sem a instrumentalização de palavras mais duras, de adjetivos mais carregados.

Cabe, assim, a cada jogador buscar dar ao futebol um discurso de congraçamento mundial, repudiando práticas selvagens como o racismo, nódoa que agride e humilha a condição humana.

Pois bem, como exemplo, a lição de vida esportiva legada por Leônidas, “O Diamante Negro”.

Fernando Pessoa, o melhor poeta de língua portuguesa, parece ter deixado para esta situação a força de sua sensibilidade humana, quando versejou solene:

“Deus às vezes usa a raiva para compreendermos o infinito valor da paz”.